

O FELIZ INDEPENDENTE...

DO P.^E TEODORO DE ALMEIDA: A TEORIA LITERÁRIA COMO FORMA DE CULTURA NO SÉCULO XVIII *

ZULMIRA C. SANTOS **

O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em Quaisquer Trabalhos da Vida do oratoriano P.^e Teodoro de Almeida (1722-1804) conheceu, em português, cinco edições: 1779, 1786, 1835, 1844 e 1861 ¹. Em língua espanhola a frequência editorial assume contornos bem mais relevantes visto que se registaram quatro edições entre a primeira e a segunda portuguesas, representando uma periodicidade bem próxima da anual; tal movimento persiste

* Trabalho realizado no âmbito do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto e integrado no Projecto de Investigação n.º 100/85, da Universidade do Porto.

** Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Cf. SILVA, Inocêncio F. da — *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo VII, p. 304. A 2.^a edição (1786), que Inocêncio considera «em tudo preferível à primeira», integra a indicação «corrigida pelo autor, adornada de estampas» e é acompanhada por um discurso preliminar da autoria do professor de Retórica e Poética António das Neves Pereira, amigo do P.^e Teodoro de Almeida. Autor de *Exercitationes Poeticae* (1775) e *Exercitationes Rhetoricae* (1776), *Mechanica das palavras em ordem à harmonia do discurso eloquente* (1787) e *Ensaio Crítico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os novos bons escritores do séc. XV e XVI e deixaram esquecer os que depois se seguiram até ao presente* in «Memórias da Literatura Portuguesa» publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa, tomo IV, pp. 339-466 e tomo V, pp. 152-238, António das Neves Pereira entra na Congregação do Oratório em 1793 e chega a exercer as funções de professor de Retórica.

Cf. ANDRADE A. A. Banha de — *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*. Lisboa. INCM, 1982, pp. 567-568.

até 1884: 1787, 1788, 1790, 1800, 1804, 1806, 1842, 1844, 1855, 1860, 1884². Em 1820 publica-se uma tradução francesa *L'Homme Heureux*, em dois volumes, havendo notícia da existência de uma tradução manuscrita³.

Ainda que se aceite que ao longo do século XVIII as tiragens sejam geralmente limitadas, o que de certa forma explica edições várias⁴, os estudos de Robert Ricard⁵ e Marie-Hélène Piwnik⁶ contribuem para demonstrar que as múltiplas obras do P.^e Teodoro

² A Biblioteca Nacional de Madrid possui exemplares de 1785, 1787, 1790, 1800, 1804, 1806, 1842, 1860. Marie-Hélène Piwnik refere a existência de uma edição de 1844 em Barcelona, aliás já citada por Robert Ricard como reimpressão da tradução de 1860 surgida na mesma cidade.

A Biblioteca da Universidade Pontifícia de Salamanca possui uma edição de 1855 também de Barcelona.

Cf. PIWNIK, Marie-Hélène — *Les souscripteurs espagnols du P.^e Teodoro de Almeida (1722-1804)* in «Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes», Paris, Tome 42-43 (1981-1982), p. 119, especialmente p. 96, nota 6.

Cf. RICARD, Robert — *Sur la diffusion des oeuvres du P.^e Teodoro de Almeida* in «Boletim International de Bibliografia Luso-Brasileira», IV (Outubro-Dezembro, 1963, pp. 626-630), (Outubro-Dezembro, 1964, pp. 632-634).

³ *L'Homme Heureux dans toutes les situations de la vie ou les aventures de Misséno*. Caen, Imprimerie de F. Poisson, 1820. A edição francesa contém para além de uma dedicatória feita pelo tradutor a «Son Altesse Royale Madame la Duchesse d'Orléans», um prefácio, antecedendo o do P.^e Teodoro de Almeida, em que se tecem considerações de alguma relevância: «*L'Homme Heureux* a été reçu, de ses compatriotes, avec un enthousiasme universel. Les Portugais et les Espagnols ne balancent pas à le mettre à côté de l'Iliade et de l'Enéide».

Assinala-se ainda que, na impossibilidade de encontrar o texto português, se usou uma tradução espanhola: «Encore je n'ai pu procurer le texte Portugais assez à temps et je ne l'ai mis en Français que sur la traduction espagnole de Vasquez»...

Para as referências à tradução manuscrita cf. *Dicionário da História da Igreja em Portugal*, dir. de A. A. Banha de Andrade, Lisboa, ed. Resistência, 1.^o vol., pp. 147-149.

⁴ Cf. *Histoire de l'édition française* sous la dir. de H. J. Martin et R. Chartier, Paris, Promodis, 1984 (Tomo I, «Le Livre Triomphant 1660-1830», p. 380).

Cf. ainda CHARTIER, Roger — «Les pratiques de l'écrit» in *Histoire de la Vie Privée* sous la direction de Philippe Ariès et Georges Duby, tome III «De la Renaissance aux Lumières», volume dirigé par Roger Chartier, Paris, Seuil, 1986, pp. 118-161.

⁵ RICARD, Robert — *op. cit.*

⁶ PIWNIK, Marie-Hélène — *op. cit.* O trabalho de Marie-Hélène Piwnik parte de leitores da Gazeta de Madrid e estuda particularmente as subscrições referentes aos *Sermões* e às *Cartas Físico-Matemáticas*, fornecendo ainda indicações sobre os circuitos de distribuição em Espanha no século XVIII.

de Almeida parecem ter alcançado, de facto, assinalável sucesso editorial, não só em Portugal como também em Espanha e na América Espanhola.

O Feliz Independente... cuja primeira edição origina comentários irónicos, de certa forma provocados pela anfibológica dedicatória, omitida a partir da 2.^a edição portuguesa, «A Jesu Crucificado pelo P.^o Teodoro de Almeida»⁷, é considerado em 1862 pelo Cônego Fernandes Pinheiro como «...leitura preferível... à d'essas míriades de novelas, com que quotidianamente invade o nosso mercado a literatura estrangeira, principalmente a francesa» e ainda como romance que «...o mais escrupuloso pai de família [pode] confiar às suas filhas»⁸; em 1878, Pinto de Mattos aponta-o como «obra estimada e ainda muito lida mas não rara»⁹. Apesar da referida variedade de edições, Hernâni Cidade classifica-o como «poema fracassado que degenerou em romance sem vislumbre de talento»¹⁰.

Sem pretendermos, de forma alguma, valorar o texto do P.^o Teodoro de Almeida em função de parâmetros estéticos exteriores ao seu tempo, notemos, todavia, que *O Feliz Independente*..., para além de indubitavelmente lido, se deve ter tornado mesmo paradigmático de um determinado tipo de educação, a avaliar pelo testemunho — literário, é certo, mas talvez por isso mesmo mais significativo — de Camilo Castelo Branco nas *Novelas do Minho*... D. Helena da Penha, chamada na sua terra a *Morgada Velha*. Cinquenta e tantos anos, viúva do capitão-mor de Athey, educada em convento, murmurando da educação e dos costumes do claustro, donde saíra com incerto

⁷ Cf. ALMEIDA, P.^o Teodoro de — *O Feliz Independente*... Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1779. Para algumas indicações sobre a recepção da 1.^a edição de *O Feliz Independente*... cf. Inocêncio, *op. cit.*, p. 304 e ainda Cônego Fernando PINHEIRO, também referido por Inocêncio, *Curso Elementar de Literatura Nacional*, 1862, p. 463.

⁸ PINHEIRO, Fernandes — *Op. cit.*, p. 463.

⁹ MATTOS, Pinto de — *Manual Bibliográfico Português*, Porto, Liv. Portuense, 1878, p. 13.

¹⁰ CIDADE, Hernâni — *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 7.^a ed., 2 vol., Coimbra Editora, 1984, p. 328 (2.^o volume).

Ainda que, em nossa opinião, se trata de um trabalho que aborda muito liminarmente *O Feliz Independente*... veja-se AZEVEDO, P.^o Fernando de (S. J.), — *A Piety of the Enlightenment: the Spirituality of Truth of Teodoro de Almeida* in «Didaskalia», vol. V (1975), pp. 105-180, especialmente p. 105: «The popularity of this novel (*O Feliz Independente*...), (through a modern critic has cited its lack of intrinsic literary value) forces us to conclude that Almeida had hit upon a piety in a turn with the times».

conhecimento no catecismo e alguma instrução em bisca sueca, e no *O Feliz Independente...* do P.^e Teodoro de Almeida» ¹¹. Ainda que no conjunto da produção camiliana, as *Novelas do Minho* se assumam como momento de ruptura face a um código narrativo que se pretende ultrapassar — o que talvez justifique a ironia que envolve a referência ao texto do oratoriano —, parece ser de assinalar que a vertente «educativa» se instaura como a mais pertinente, na definição de uma certa leitura... feminina... da obra do P.^e Almeida.

De facto, a dimensão pedagógica institui-se como o vector mais estruturante de *O Feliz Independente...* funcionando como marca da leitura pretendida pelo autor, indiciada pelo título e continuada pelo prólogo.

Se a primeira parte do título ¹² *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* aponta para a integração do texto no amplo conjunto de obras que, no séc. XVIII, desenvolvem a temática da Felicidade ¹³, a segunda, *Arte de Viver Contente em Quaisquer Trabalhos da Vida*, instaura a vertente pedagógica, identificando o texto como uma *Arte*, isto é, algo que se é susceptível de ser ensinado, o é também de ser aprendido ¹⁴. Nesse sentido, a segunda parte do título actua simultaneamente como uma restrição e uma indicação de leitura. Assim,

¹¹ BRANCO, Camilo Castelo — *Novelas do Minho*, ed. crítica organizada com base nos manuscritos e na 1.^a edição, por Maria Helena Mira Mateus. Lisboa, Centro de Estudo Filológico, 1961, pp. 7-8.

¹² Cf. LAUFER, Roger — «Les espaces du livre» in *Histoire de l'Édition Française*, op. cit., pp. 128-139, especialmente pp. 131-132.

¹³ Cf. entre outros MAUZI, Robert — *L'idée du bonheur au XVIII^e siècle*, 4^e édition, Paris, Armand Colin, 1969.

Sobre o conceito de *Felicidade*, numa obra bem próxima de *O Feliz Independente...* que aliás o P.^e Teodoro de Almeida refere assumidamente como seu modelo, o *Télémaque* de Fénelon, veja-se HAILLANT, Marguerite — *Culture et imagination dans les oeuvres de Fénelon «ad usum Delphini»*. Paris, les Belles Lettres, 1982-1983, cap. V «L'imagination découvre le vrai bonheur», pp. 371-446.

No que diz respeito à diversidade do mesmo conceito em Teodoro de Almeida e Tomás António Gonzaga, tomando como ponto de referência *O Feliz Independente...*, e *Liras*, respectivamente, veja-se OSÓRIO, Jorge Alves — *Sentido e forma em Tomás António Gonzaga a propósito do seu horacianismo*, separata da «Revista de História», Centro de História da Universidade do Porto, 1979, especialmente pp. 16-17.

¹⁴ Se os textos situados à volta do tema da *Felicidade* são por demais característicos do séc. XVIII, não menos característico é o que Joel Saugnieux designou como «...une époque qui fut comme l'âge d'or de la pédagogie...». *Foi et Lumières dans l'Espagne du XVIII^e siècle*. Lyon, P.U.L., 1985, p. 10.

O Feliz Independente... não é apenas um texto mais sobre a Felicidade, mas é, sobretudo, um texto que assume as suas finalidades pedagógicas: pretende-se um modelo da «arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida». Deste modo, situado numa perspectiva arquetípica, o autor fornece os primeiros indícios susceptíveis de conduzir o leitor no caminho não de *uma* leitura, mas *da* leitura, e o Prólogo mais não é que a sequência natural do título.

Preenchendo um conjunto de funções desde a propaganda à simples «captatio benevolentiae», o prólogo permite a apreciação da imagem que o autor se faz dos seus leitores e da sua obra funcionando, geralmente, como o lugar do texto onde as indicações de como o autor pretende ser lido são mais claras. Deste modo, o prólogo é o local privilegiado do balizamento da leitura, já que, instituindo-se como elemento disciplinador, fornece os parâmetros em que, na perspectiva do autor, o leitor deve movimentar-se ¹⁵.

O prólogo escrito pelo P.^e Teodoro de Almeida para a 1.^a edição de *O Feliz Independente*... e repetido na totalidade de edições portuguesas de que tivemos conhecimento é, neste sentido, bastante esclarecedor e por isso o elegemos como motivo de reflexão. De facto, não só permite assinalar a inequívoca dimensão pedagógica da obra, como simultaneamente contribui para iluminar a imagem que o oratoriano se fazia do horizonte de expectativas dos seus prováveis leitores, procurando — na medida em que postula como objectivo fundamental o *ser lido* — responder-lhe, sem no entanto abdicar em momento algum do conceito de Felicidade que pretende comunicar.

Todo o prólogo se instaura sobre uma preocupação fulcral: como transmitir o que se quer ensinar, «uma forma de viver feliz», de maneira a agradar, a ser lido? Retenhamos as primeiras linhas: «Como

¹⁵ Como trabalho reflectindo especificamente sobre a função do prólogo, veja-se o já clássico estudo de PORQUERAS-MAYO — *El prólogo como género literario*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1957.

Cf. ainda LAURENTI, Joseph — *Los prólogos en las novelas picarescas españolas*. Valencia, 1971, nomeadamente o Cap. I «Situación de los estudios proemiales en la literatura española», pp. 13-21, onde são fornecidas amplas indicações bibliográficas. Para os textos portugueses, ainda que não especificamente sobre o séc. XVIII, refira-se o trabalho de PIRES, Lucília Gonçalves — *Prólogo e anti-prólogo na época barroca* in «Para uma História das Ideias Literárias em Portugal», Lisboa, INIC, 1980, pp. 31-59.

A propósito das relações do escritor com o seu público veja-se a irónica reflexão de Eça de Queirós — «Três Prefácios» in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, ed. Livros do Brasil, s/d, pp. 95-123.

o Público foi sempre o juiz das obras que lhe oferecem, convém que seja informado dos motivos porque se empreenderam. O principal que me moveu a meditar esta obra foi o bem da humanidade. Vi eu, que a maior parte dos que se chamavam infelizes podiam não o ser, se tivessem no entendimento outro modo de pensar, e na vontade outra moderação no querer. O efeito que em mim faziam algumas considerações da minha Filosofia, ilustrada pelo Evangelho, era tão saudável que me julgaria réu de grandíssimo delito, se as ocultasse em mim... Pudera dar ao público as minhas reflexões com o título de uma *Filosofia Moral* ou de Máximas prudentes sobre a verdadeira Alegria; e ainda com o de *Filosofia Evangélica*, porque todas elas são tiradas do Santo Evangelho de Jesus Cristo, sagrada fonte das verdades, não só teológicas, mas também Morais, Filosóficas e Políticas.

Contudo, pareceu-me que seria mais agradável, e por isso mais útil, o dar esta obra no estilo em que ofereço ao Público, atendendo a muitas circunstâncias, que assim me fizeram esperar»¹⁶. Parece legítimo concluir que o autor procura o *agradável* em função do útil, logo, o agradável, porque elemento captador de atenção, funciona como útil, permitindo atingir o objectivo principal: conduzir à leitura. Mas — questão pertinente em nossa opinião — como entende o P.^o Teodoro de Almeida o *agradável*, não em relação a si próprio, como parece evidente, mas em relação ao público? Que elementos aponta como condicionantes do «gosto» do provável leitor, seu contemporâneo? Supomos que estas linhas de reflexão se revestem de importância fundamental, já que se intenta «disfarçar», nas palavras do autor, as austeridades das máximas Evangélicas» fazendo «tragar» aos Leitores sem o perceberem, «a medicina salutar da alma». Afirma-se mesmo que, face ao desprezo que estes votavam a tudo quanto «cheirava a devoção e Virtude... parecia forçoso enganá-los... dou-rando-lhes as pírolas ou pondo a doçura... na borda dos vasos onde se lhes deviam ministrar as medicinas amargas»¹⁷.

O primeiro problema que o autor de *O Feliz Independente...* assinala como tendo merecido a sua atenção reside no tipo de discurso utilizado. Confessa ter começado por preferir o verso rimado ao verso solto, na medida em que o segundo conferia maior liberdade à pena, não a prendendo pela obediência à rima. Mesmo assim, o verso branco, onde é imprescindível que o número e a cadência supram a rima,

¹⁶ ALMEIDA, P.^o Teodoro de — *O Feliz Independente...* op. cit., p. III.

¹⁷ ALMEIDA, P.^o Teodoro de — op. cit., pp. III-VI.

obriga «a não dizer o que queria ou a dizê-lo de outra maneira, não deixando a prisão do verso discorrer o pensamento com a naturalidade e veemência com que desejava» e assim «semelhante ao que preparando-se para o duelo de empenho e perigo não quer consentir enfeite algum, que lhe embarace os pés, as mãos ou os braços, desejando estar ágil para ferir ou rebater os golpes do adversário...», sacrifica «toda a beleza do metro que só podia recrear, à muito importante força e energia dos argumentos que devem ferir e... «principia... de novo a obra»¹⁸. Postulados que, se por um lado se aproximam dos de Verney na Carta VII¹⁹, por outro, podem, de certa forma, relacionar-se com os do também oratoriano P.^e Francisco José Freire expressos na *Arte Poética*²⁰. Enquanto o autor de *O Verdadeiro Método de Estudar* contesta a Poesia em nome da utilidade, Cândido Lusitano privilegiando entre outros a posição de Muratori, a quem aliás muito deve, concede-lhe uma dupla dignidade de raiz horaciana²¹.

«A Poesia considerada em si mesma procura causar seu deleite; e, considerada como arte sujeita à faculdade civil, toda se emprega em causar utilidade. E como quer que esta tal faculdade seja a que encaminha todas as Ciências e Artes à felicidade eterna, à temporal e ao bom governo dos povos, por isso a verdadeira e perfeita Poesia deveria sempre igualmente deleitar que utilizar a uma República²².

¹⁸ *Ibidem*, p. VI.

¹⁹ VERNEY, Luís António — *O Verdadeiro Método de Estudar*, ed. organizada pelo Prof. António Salgado Júnior, Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1950, vol. II, pp. 199-337.

²⁰ FREIRE, Francisco José — *Arte Poética ou regras da verdadeira Poesia...*, Lisboa, Of. de Francisco Luís Ameno, 1748.

²¹ Sobre as relações do texto da *Arte Poética...* de F. J. Freire (Cândido Lusitano) com o tratado de Muratori vide PIMPÃO, A. J. da Costa — *Um plágio de Francisco José Freire (Cândido Lusitano)* in «Biblos», vol. XXIII, tomo I, 1947, pp. 203-209. Para o que diz respeito a questões de teoria literária cf. o amplo e minucioso quadro traçado por CASTRO, Aníbal Pinto de — *Retórica e Teorização Literária em Portugal do Humanismo ao Neo-Classicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.

²² FREIRE, Francisco José, *op. cit.*, cap. IV, Livro I.

O P.^e Fernando Azevedo aponta, no trabalho citado na nota 10, uma coincidência de «objectivos filosóficos e morais» entre o P.^e Teodoro de Almeida e a Arcádia Lusitana, com especial relevo para Francisco José Freire «Perhaps this explains why his moral and philosophical objectives were similar to those of the «Arcádia Lusitana» and in particular to those of the «Arcádia Lusitana», and in particular to those of Francisco José Freire, a fellow Oratorian and preeminent member of the «Arcadia». Freire equated philosophy with poetry, was to praise virtue».

Para o P.^o Teodoro de Almeida a poesia é susceptível de articular o *deleite* e a *utilidade*, mas parece surgir como predominantemente marcada pela primeira destas características. Com efeito, se o oratoriano postula como objectivo prioritário da sua obra o *ensinar*, o *útil* sobrepõe-se ao *agradável*, pois que o agradável é visto em função do útil. Assim sendo, entende-se que ainda que o verso surja, num primeiro momento, como mais agradável, ele limita o pensamento, ameaçando a lucidez e a clareza discursivas que, se absolutamente imprescindíveis em qualquer exposição, assumem ainda maior relevância quando a dimensão pedagógica se entende como fundamental.

Neste sentido considera-se, por um lado, como Correia Garção, que a rima coarcta o pensamento ²³ e, por outro, como Verney que nem o verso branco permite, pelas regras a que deve ser sujeito, a fluência sequencial do discurso. Postulando-se, deste modo, que a prosa representa o domínio onde a liberdade de pensamento se institui de forma mais clara, aponta-se outro dos aspectos que, na opinião do P.^o Teodoro de Almeida, surge como elemento privilegiado nesta estratégia de aproximação ao leitor: o verosímil. «Esta pintura da Felicidade, que só se podia conseguir por meio da Virtude, convinha que eu lha pusesse diante dos olhos, e bem perto, para que a cressem possível; e a não reputassem puro fantasma da imaginação, mas realidade, tocando-a quase com as mãos. Por este motivo busquei um herói verdadeiro na história, ao qual esta pintura quadrasse; porque deste modo os dissuadia sem violência do erro comum, com que se busca a Felicidade pelo caminho do vício; e fazia entrar os Leitores na verdadeira estrada da Alegria, pois facilmente nos animamos a fazer o que vemos já praticado, quando os efeitos são agradáveis» ²⁴.

A questão da verosimilhança ocupa, no domínio da teorização literária, praticamente desde sempre, um lugar assinalável. Ao longo do século XVIII todas as poéticas ditas «neo-clássicas» passam pela discussão do *verdadeiro*, do *possível*, do *verosímil* ²⁵. Para o autor

²³ Cf. GARÇÃO, Epístola I: «Se a rima, como escravo te traz preso,/ Perdida a liberdade, ao duro cepo,/Quebra as fortes cadeias; não é justo/Que o contínuo zum-zum do consoante,/Que o ouvido agita só, a alma não,/Esfrie o jogo que na ideia nasce».

²⁴ ALMEIDA, P.^o Teodoro de, *op. cit.*, p. VIII.

²⁵ Cf. entre outros LUZÁN, Ignacio de — *La Poetica* (ediciones de 1373 y 1789). Madrid, Cátedra, 1974, pp. 150-161 (cap. IX «De la Verosimilitud»). Cf. ainda BOILEAU — *Arte Poética* (tradução de D. Francisco Xavier de Meneses, versão publicada em 1818). Lisboa, Col. Bilingue, pp. 31-32.

de *O Feliz Independente*... as categorias do *verdadeiro* e do *verosímil* revestem-se de maior pertinência, não só porque traduzem, de forma mais clara o Belo, mas fundamentalmente porque se instituem como mais convincentes. Escolhe-se um herói verdadeiro e não «um puro fantasma da imaginação»²⁶ e, para que a Filosofia exposta se não confunda com a pagã, esse herói será um príncipe cristão. Por outro lado, respeita-se a cronologia dos acontecimentos procurando, deste modo, que a História sirva de garantia ao texto, provocando nos leitores, pela presunção da verdade, um mais alto grau de convencimento.

Pelo que acabámos de expor parece ser legítimo concluir que o P.^e Teodoro de Almeida se preocupa, aturadamente, com a construção de um texto *eficaz*, um texto que convide à leitura, para que as máximas do Evangelho se possam lentamente insinuar. A finalidade pedagógica revela-se absolutamente evidente: o oratoriano coloca os seus conhecimentos de teoria literária ao serviço da transmissão de uma determinada forma de cultura, assumindo a criação literária como veículo privilegiado, porque mais agradável, no ensino do que apelida «sólida filosofia» e «Filosofia Evangélica»²⁷. O carácter de eficácia estrutura-se, assim, segundo dois vectores fundamentais, substanciados no seleccionar da prosa, como forma de expressão e no verosímil como meio de persuadir²⁸. O respeito pela verdade ultrapassa a fidelidade histórica para surgir em pormenores mínimos, ao nível de comparações que se constroem sobre um extremo concretismo²⁹, aproveitando o autor para comunicar conhecimentos de Física, Matemática, Astronomia...

Procura-se, por todos os meios, transmitir uma dupla verdade em que cada uma das faces justifica a outra. Deste modo, o tipo de filosofia cristã que acredita na possibilidade da «Felicidade», na medida em que postula um destino traçado no caminho do Bem,

²⁶ ALMEIDA, P.^e Teodoro de, *op. cit.*, p. IX.

²⁷ *Ibidem*, p. XV.

²⁸ Sobre o frequente recurso ao lexema «verdade» ao longo do século XVIII, Cf. MARAVALL, José António, «Los límites estamentales de la educación en el pensamiento ilustrado» in *Revista de Histórias das Ideias — O Sagrado e o Profano*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1986, pp. 123-144.

²⁹ Cf. ALMEIDA, P.^e Teodoro de, *op. cit.*, p. 90: «O coração humano aponta sempre para a virtude e para a justiça, como a agulha para o Norte; mas acenai-lhe com o metal estimado, já titubeia e se inquieta e volta para a parte oposta».

pretende-se mais verdadeira porque se exprime da forma também mais verdadeira. Tal como a «sólida filosofia» representa a Verdade, assim o tipo de discurso escolhido se aproxima mais da verdade — no sentido em que a prosa se entende como mais fiel ao «discorrer do pensamento» — as personagens são históricas e os acontecimentos principais também. Todos estes factores concorrem, ainda que de forma diversa, para um objectivo comum: a persuasão. Como dispositivos retóricos que efectivamente são, permitem compreender algumas das condicionantes do gosto do público-leitor ao qual o P.^o Teodoro de Almeida se dirige. É evidente que estas características são assinaladas por via indirecta, pois que, através do Prólogo, não temos acesso senão ao que o autor considera que é o gosto dos seus prováveis leitores.

A observação pormenorizada da argumentação exposta torna legítimo concluir que os conhecimentos de teoria literária e de um certo gosto do público-leitor conduzem ao uso propositado de «ingredientes», de cariz também marcadamente literário, no sentido do convite à leitura. Pretende-se responder ao que se apelida de «sede» do público e procura-se, conscienciosamente, a melhor forma de o fazer. Assim, o texto elabora uma proposta modelar de «homem feliz», Misseno, que, embora sofrendo privações diversas, mantém, apesar de tudo — se bem que nem sempre com a mesma força — a crença num destino superiormente traçado na senda do Bem. É esta Fé, esta «Filosofia ilustrada pelo Evangelho» ³⁰, traduzida numa total entrega «nos braços da Divina Providência quando nos faz caminhar por cima de abrolhos e de espinhos» ³¹, que o oratoriano procura comunicar aos seus leitores. O texto funciona, globalmente, como entidade portadora de um núcleo de ensinamentos referenciadores de um conceito de Felicidade que se nos afigura consubstancializado na imagem do «cristão-feliz», em nossa opinião o mais relevante vector da espiritualidade do oratoriano.

A dimensão acentuadamente pedagógica que título e prólogo postulam e o texto ilustra, se não é de forma alguma surpreendente no contexto da obra do P.^o Teodoro de Almeida — basta pensar, como exemplo bem significativo, na *Recreação Filosófica*, texto de clara vulgarização científica — não o é também, se tivermos em conta que os objectivos pedagógicos corporizam as orientações mais relevantes

³⁰ ALMEIDA, P.^o Teodoro de, *op. cit.*, p. III.

³¹ *Ibidem*, p. IV.

da Congregação do Oratório em geral³². No caso particular do autor de *O Feliz Independente*..., tal orientação parece revelar-se a matriz de uma dupla actuação, como escritor e como homem³³. Talvez por isso mesmo a notícia da sua intensa acção como pedagogo tenha passado do domínio da História para o da ficção, através das palavras de Rebelo da Silva que no romance *Lágrimas e Tesouros* pretende «abraçar três épocas notáveis de viver e crer de Portugal no último quartel do séc. XVIII»³⁴: «O Padre Teodoro era um homem de quarenta e cinco anos, muito lido nos estudos eclesiásticos, profundo no estudo das ciências naturais, e escutado como um dos pregadores de maior fama... O seu refrigério, depois das fadigas de um dia laborioso, era alumiar com salutareos conselhos, e animar com prudente estímulo os progressos das educandas de Belém, aonde mestres escolhidos com acerto introduziram a novidade de unir aos primores da agulha o conhecimento das línguas estrangeiras, francesa e inglesa, e o ensino da música vocal».

As considerações que acabamos de tecer legitimam o avançar de algumas conclusões: jogando com duas opções fundamentais, a escolha da prosa e o respeito pelas regras da verosimilhança, o

³² *Sobre a Recreação Filosófica*... vejam-se entre outros MONTEIRO, Ofélia M. C. Paiva — *D. Frei Alexandre da Sagrada Família*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, pp. 49-54; CIDADE, Hernâni, *op. cit.* e BELCHIOR, Maria de Lurdes; CARVALHO, José Adriano de Freitas in *Dictionnaire de Spiritualité*. Paris, Beauchesne, 1985, pp. 1958-1972.

A actividade da Congregação do Oratório, especialmente no Norte de Portugal, foi objecto do estudo de SANTOS, Eugénio dos — *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto, Centro de História da Univ. do Porto, 1982.

Sobre a actividade pedagógica do Oratório, cf. ANDRADE, A. A. Banha de — *Contributo para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, — *op. cit.*, pp. 409-571.

³³ Como documento da intensa acção pedagógica do P.^o Teodoro de Almeida, veja-se *Vida do P.^o Teodoro de Almeida... fundador do convento das Religiosas da Visitação do sítio da Junqueira e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa do Espírito Santo da Pedreira*, ANTT, Mss da Liv., n.º 2316.

Cf. ainda MARQUIS de BOMBELLES — *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal 1786-1788*. Paris, PUF, 1979, pp. 55-56 «...nous nous sommes rendus à la Visitation... Il est principalement confié aux soins et au zèle du père Théodore de Almeida qui se flatte de le porter dans peu à un grand point de perfection».

³⁴ SILVA, Rebelo da — *Lágrimas e Tesouros*, Porto, Liv. Civilização, 1968, p. 6 e pp. 130-132.

P.^o Teodoro de Almeida parece ter sido bem sucedido ao colocar os seus conhecimentos de teoria literária ao serviço da transmissão de um ideal de *Felicidade*. A prova de que o texto funcionou pode encontrar-se nas palavras de Camilo Castelo Branco, acima citadas, quando em 1875 se considerava já *O Feliz Independente...* paradigmático de um programa educativo ultrapassado, enquanto em 1878, Pinto de Mattos afirmava ainda que se tratava de «obra muito lida mas não rara» ³⁵.

De uma forma ou de outra, a fortuna editorial de *O Feliz Independente...* mostra que o oratoriano conseguiu fazer circular a concepção expressa em outras obras menos divulgadas, de que o homem *pode* e *deve* ser feliz no interior da fé cristã. Espiritualmente, o P.^o Teodoro de Almeida integra-se num movimento de Devoção ao Sagrado Coração de Jesus e opõe-se ao sector iluminista que entendia a Fé Cristã como impedimento para a total liberdade de pensamento postulando, contrariamente, a articulação entre Fé e Luzes ³⁶.

Que *O Feliz Independente...* foi lido, parece inquestionável... Para além da recepção da obra, objectivo que outros trabalhos já se colocaram, pretendemos desmontar um percurso discursivo onde o autor giza as condicionantes da sua provável recepção, reflectindo sobre os gostos do público leitor. De facto, o P.^o Teodoro de Almeida opta duplamente em função da Verdade: a verosimilhança temática deve ser traduzida num registo também mais próximo da verdade, da simplicidade, o que aliás corresponde à mais corrente teorização literária neo-clássica. Se, na generalidade, os prólogos se instituem como ante-textos programadores de uma leitura pretensamente invariante do texto que se lhes segue, aquele que integra *O Feliz Independente...* — privilegiando estratégias enunciativas no âmbito da persuasão — surge como momento da organização de «um» sentido

³⁵ Cf. BRANCO, Camilo Castelo, *op. cit.*, pp. 7-8 e MATTOS, Pinto de, *op. cit.*, p. 13.

³⁶ Cf. *Recreação Filosófica...* p. 255 «...uma ética completa, com todos os ditames disfarçadamente praticados no enredo desse Poema».

Cf. ainda carta de Teodoro de Almeida a Ribeiro Sanches de 9 de Agosto de 1774 transcrita por AZEVEDO, Maria Leopoldina, *P.^o Teodoro de Almeida, subsídios para o estudo da sua vida e obra* (dissertação de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, apresentada à Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, 1959), p. 330.

Cf. MARGERIE, Bertrand de, S. J. — «Teodoro de Almeida — Un Mystique du Coeur de Jésus dans le Portugal et la France du XVIII^e siècle» in «Didaskalia», III (1973) pp. 363-366.

postulado, pretendido e articulado um discurso profundamente normativo. *O Feliz Independente*... assume-se, assim, como um verdadeiro romance de tese, procurando, a todo o momento, provar que a Fé Cristã proporciona ao Homem, para além da salvação, a possibilidade de ser feliz.

Pretendemos, com a reflexão efectuada, mostrar como o prólogo assinala claramente a necessidade de colocar a teoria literária ao serviço *da forma* de cultura proposta. Partindo de objectivos considerados fundamentais e questionando frequentemente escolhas prévias, em função da imagem que tem do gosto do seu eventual público-leitor, o P.^o Teodoro de Almeida procede, conscientemente, — em nome de uma pedagogia tão cara às finalidades do Oratório — a uma operação de disfarce, visivelmente bem sucedida, se tivermos em consideração a difusão que *O Feliz Independente*... mereceu.